



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**THAYNNE NAYARA FÉLIX GONÇALVES**

**O ENFRENTAMENTO DA MORTE NA ATUALIDADE: REFLEXÕES A  
PARTIR DO CONTEXTO HISTÓRICO OCIDENTAL E A  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

**CAMPINA GRANDE  
2021**

THAYNNE NAYARA FÉLIX GONÇALVES

**O ENFRENTAMENTO DA MORTE NA ATUALIDADE: REFLEXÕES A  
PARTIR DO CONTEXTO HISTÓRICO OCIDENTAL E A  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de artigo, apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel/licenciado em Psicologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635e Gonçalves, Thaynne Nayara Félix.  
O enfrentamento da morte na atualidade [manuscrito] : reflexões a partir do contexto histórico ocidental e a perspectiva psicanalítica / Thaynne Nayara Felix Goncalves. - 2021.  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto , Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Morte. 2. Ritos fúnebres. 3. Psicanálise. 4. Luto. I. Título  
21. ed. CDD 155.937

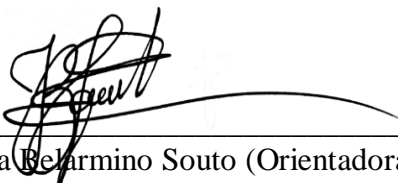
THAYNNE NAYARA FÉLIX GONÇALVES

O ENFRENTAMENTO DA MORTE NA ATUALIDADE: REFLEXÕES A PARTIR  
DO CONTEXTO HISTÓRICO OCIDENTAL E A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de artigo, apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel/licenciado em Psicologia.

Aprovada em: 08/06/2021.

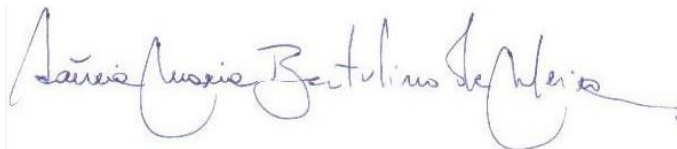
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*“Caminho ao lado dela, e as trevas  
erguem-se de minha alma.  
Perambulo com ela, e ouço o  
delicado bater de suas poderosas  
asas”  
(Sandman)*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA DA MORTE .....</b>	<b>07</b>
<b>2.1</b>	<b>As faces da morte no contexto ocidental .....</b>	<b>07</b>
<b>2.2</b>	<b>O culto ao morto e o processo de luto .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>O TEMA DA MORTE NO PONTO DE VISTA PSICANALÍTICO...</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>A MORTE SEM ASSISTÊNCIA NOS DIAS ATUAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>20</b>

## **O ENFRENTAMENTO DA MORTE NA ATUALIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DO CONTEXTO HISTÓRICO OCIDENTAL E A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Thaynne Nayara Félix Gonçalves<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo trazer reflexões acerca do enfrentamento da morte por parte do ser humano, fazendo uma ponte entre o contexto histórico ocidental e a literatura psicanalítica com base em Freud e Lacan. Destaca a importância dos ritos fúnebres na elaboração da perda de um ente querido, apontando a construção desta cultura e como a ruptura destes costumes na atualidade pode ser prejudicial diante do cenário pandêmico vivenciado. O método utilizado foi a revisão de literatura que consiste em articular estudos acerca da morte pelo viés da Psicanálise, situar o tema da morte na história ocidental e enfatizar os acontecimentos atuais sobre a morte sem assistência. Chegando à conclusão de que os ritos fúnebres e a elaboração do luto são etapas essenciais para lidar com o desamparo que o real da morte insere nos indivíduos sobreviventes e que o cenário atual abre espaço para uma lacuna ainda maior sobre o que não se pode remediar, consequentemente podendo aumentar o sofrimento psíquico de toda uma sociedade que foi impedida de chorar seus mortos como o de costume.

**Palavras-chave:** Morte. Ritos Fúnebres. Psicanálise. Luto.

### **ABSTRACT**

This work aims to bring reflections on coping with death by human beings, bridging the gap between the western historical context and psychoanalytic literature based on Freud and Lacan. Highlights the importance of rites funerals in the elaboration of the loss of a loved one, pointing out the construction of this culture and how the disruption of these customs today can be harmful in the face of pandemic scenario experienced. The method used was the literature review that consists of articulating studies about death through the perspective of Psychoanalysis, situating the theme of death in Western history and emphasize current events about death without assistance. Coming to the conclusion that funeral rites and the elaboration of mourning are essential steps to deal with the helplessness that the reality of death inserts individuals survivors and that the current scenario makes room for an even greater gap on the that cannot be remedied, consequently increasing psychological distress. of an entire society that was prevented from mourning their dead as usual.

**Keywords:** Death. Funeral Rites. Psychoanalysis. Mourning.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
E-mail: thaynnenayara@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A morte é um tema de difícil conceituação exceto pelo ponto de vista biológico, fora isso, qualquer tentativa de conceituar se trata de uma interpretação. “O conceito de morte não é a morte: ele é vazio como uma voz oca” (MORIN, 1997, p. 281). Silva (2007) diz que a morte “é o ponto extremo que a angústia humana não consegue nomear” (p. 95). Ainda segundo Silva (2007) quando decidimos falar do tema da morte, acabamos nos deparando “com questões que exigem anteparo de diversas referências de saber” (p. 41). Segundo Combinato e Queiroz (2006) o ato de morrer, além de ser um fenômeno biológico natural, também se trata de uma dimensão simbólica repleta de valores e significados presentes no contexto sócio-cultural e histórico de toda a humanidade. Segundo Guerreiro (2014) o homem morre desde que nasce; morre em cada instante, porque a morte não surge no momento em que se morre, existe desde o nascimento, como processo. Ainda nas palavras dele:

Aniquilamento dos fenômenos vitais, a morte só pode ser definida em termos biológicos na relação e a partir da definição de vida, que contém em si a morte, numa atividade e esforço de adaptação permanentes, coexistindo como uma tensão de forças contrárias: a morte é um termo para o qual o homem se encaminha desde o nascimento, uma realidade interna que nele se opera a partir do momento em que é dado à luz. A vida humana é uma constante experiência que conduz a uma decadência do organismo, que esgota a sua força vital, por enfraquecimento ou impossibilidade de se ajustar às modificações ou agressões do meio interno e externo, obedecendo ao princípio de degradação dos seres vivos (GUERREIRO, 2014, p. 6).

Sendo um dos fenômenos mais antigos que se tem conhecimento, desde os primórdios da existência humana se tem registros sobre a morte, pois obviamente, a partir da existência da vida, fica nítida a percepção de que tal fenômeno espera o momento de cumprir seu papel fundamental no universo. O tema da morte é capaz de amedrontar e causar desconforto naqueles que ousam pensar ou falar sobre, tornando-a então um tabu na sociedade e conseqüentemente uma fonte inesgotável de criatividade e imaginação, onde o conhecimento científico limitado provoca no indivíduo humano fascínio, aversão, estranhamento e inúmeras vezes o silêncio. Essa estranheza despertada ao evocar o tema da morte segundo Freud (1915), não se trata de nada novo ou alheio, porém, “é algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de recalque” (p. 300). Ainda nas palavras dele:

O tema do ‘estranho’ é um ramo desse tipo. Relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador - com o que provoca medo e horror; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Ainda assim, podemos esperar que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso de um termo conceitual peculiar. Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador (FREUD, 1915, p. 298).

No campo da linguística e da literatura, trata-se de um substantivo feminino presente no dicionário como “uma interrupção definitiva da vida de um organismo”, um dos significantes atrelados a este substantivo é: intenso sofrimento, grande dor e angústia. Opõe-se aos significados de “origem, vida, nascimento e início” (AURÉLIO, 2002). Em uma instância subjetiva, a morte traz consigo a sombra determinante de sua crueza, onde o imaginário humano tenta preencher tamanho abismo de desconhecimento acerca dela,



campo fértil para as fantasias, observável nas manifestações humanas das artes e da literatura ao decorrer dos séculos e na constituição da civilização. Silva (2007) diz que “ao longo da peregrinação humana, independente do contexto cultural, o enfrentamento e a aceitação do fim da existência do corpo biológico envolvem diversos posicionamentos, revestindo-se de diferentes rituais” (p. 77).

Os rituais de cuidado ao morto foram estabelecidos e aprimorados durante o processo de civilização, atuando como atenuante de tamanha devastação que a morte de um ente querido provoca no indivíduo sobrevivente. O funeral é uma forma de manter o respeito aos mortos e cumpre um importante papel no que se trata do comportamento social, possibilitando a demonstração do sofrimento vivenciado e o compartilhamento da dor da perda. Tais ritos são de grande importância para os estudos sobre o enfrentamento da morte por parte da humanidade ao decorrer dos séculos, apontando o modo de funcionamento da sociedade e como lida com o tema da morte. Segundo Ariés (2003) durante o processo de civilização no Ocidente, o tema da morte adquiriu várias faces, sofreu modificações gradativas e sutis ao decorrer dos séculos. A forma que o homem ocidental lida com a morte, traz um aparato histórico de como tais modificações influenciaram todo o comportamento de uma sociedade, desde a forma que se morria; como acontecia o luto; como o culto aos mortos deu origem aos cemitérios que se tornaram lugares de saudade e veneração. “Num mundo submetido a mudanças, a atitude tradicional diante da morte aparece como um dique de inércia e continuidade” (ARIÉS, 1981, p. 31).

Na atualidade estamos enfrentando um novo marco na história da humanidade, onde toda uma construção acerca do tema da morte, principalmente sobre os rituais de cuidado e sepultamento do morto sofrem grandes modificações com o surgimento do COVID-19 no ano de 2020 na cidade de Wuhan, China. O novo vírus que ataca o sistema respiratório passou a circular e com grande potencial de contaminação rapidamente se espalhou por todo o planeta. A Organização Mundial da Saúde (2020) caracterizou o acontecimento global como pandemia e diante das circunstâncias e do alto risco de contaminação, os mortos passam a ser enterrados em caixões lacrados, os ritos fúnebres passam a ser impedidos e toda a sociedade está sofrendo com a interdição do luto, dessa vez imposta pelas forças da natureza.

Diante do que foi colocado, este artigo teve por objetivo trazer reflexões sobre o enfrentamento da morte no contexto ocidental através de revisão narrativa, fazendo uma ponte com os estudos da psicanálise sobre o tema da morte e como os acontecimentos da atualidade estão afetando a sociedade. Para tanto, inicialmente, foram realizadas considerações sobre o tema da morte no contexto ocidental, enfatizando a relação do homem com a morte e como esta foi sofrendo modificações através dos séculos. Depois, discorreu-se sobre os estudos acerca da morte no ponto de vista da psicanálise. Por último, foram trazidos aspectos atuais, que diante da nova realidade imposta pela pandemia, estão sofrendo profundas modificações.

## **2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA DA MORTE**

### **2.1. As faces da morte no contexto ocidental**

O rito fúnebre como parte do enfrentamento da morte está presente nos comportamentos humanos desde os primórdios da civilização, onde o cortejo do morto se dá como uma forma de despedida, e pelas crenças Ocidentais, uma maneira de garantir

ao mesmo uma consumação de sua caminhada para a eternidade, caracterizando sua finalização nos caminhos terrenos para iniciar sua jornada no além (ARIÉS, 2003).

Nas atitudes diante da morte durante a Era Medieval, o moribundo participava de sua condição e se preparava para receber a morte, demonstrando autonomia e tomada de consciência do seu próprio fim. Os historiadores denominaram essa época a morte como “morte domada”. Segundo Ariés (2003) acontecia quando a morte próxima era percebida por avisos dados por signos naturais, onde havia um tempo em que o moribundo se despedia de seus entes queridos e tomava suas providências para sua partida do mundo material. Os casos de morte súbita ou pela peste, era tratada como “morte terrível”, que conseqüentemente não era mencionada. A morte era encarada com temor, mas de forma pacífica e aceita com humildade, fazendo parte da condição mortal do ser humano por meio do reconhecimento espontâneo, pois não se procurava fugir da morte, sinônimo do inevitável. Morrer sozinho era algo evitado, o moribundo estava sempre cercado de pessoas, tornando a morte uma cerimônia pública e organizada onde até crianças se faziam presentes, sendo um comportamento comum observar alguém falecer. Ainda segundo Ariés (2003) os ritos da morte eram cumpridos com simplicidade, sem caráter dramático ou com expressões excessivas de emoção.

Quanto ao lugar onde jazia os defuntos, de acordo com Ariés (2003) os antigos tinham receio do convívio com os mortos, então mantinham distância. As sepulturas eram feitas fora da cidade e temia-se que os defuntos voltassem para assombrar os vivos. Era defendido que o mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos, as crenças dos antigos traziam temores que iam além da imaginação, não havia certeza ou explicação alguma sobre os pós morte, assim, ao preservar a memória do morto criando uma separação entre a carne que estava a se decompor e o espírito imortal como negação ao aniquilamento, a ambivalência proveniente do sentimento de estranheza sobre a morte do outro despertava um vasto campo no imaginário humano acerca dos espíritos. O medo dos mortos na Idade média ainda eram resquícios do comportamento do homem primitivo, cuja suposição era a de que “um parente ternamente amado, no momento de sua morte, transforme-se num demônio, de quem os sobreviventes nada podem esperar a não ser hostilidade e contra cujos desejos perversos devem proteger-se por todos os meios possíveis” (FREUD, 1913, p. 45).

Mas com o passar do tempo e com a ascensão dos novos costumes baseados nas crenças católicas, os mortos passaram a ser enterrados nas igrejas, pelo desejo deles em vida de serem enterrados juntos aos santos. Com o acúmulo de lápides ao redor das abadias, posteriormente já não havia forma de diferenciar o que era igreja e o que era cemitério. Pode-se reforçar que tais acontecimentos aumentavam a familiaridade do homem com a morte, onde também se originou um sentimento de constrangimento por haver uma coexistência dos vivos realizando suas atividades religiosas ou festivas no mesmo local onde haviam sepulturas, nas palavras de Ariés,

O espetáculo dos mortos, cujos ossos afloravam à superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não impressionava mais os vivos que a ideia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com sua própria morte” (ARIÉS, 2003, p.45).

Durante a segunda fase da Idade Média, o tema da morte adquiriu um caráter mais dramático e profundo. “Anteriormente a familiaridade com a morte era uma forma de aceitação da ordem da natureza, onde o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem exaltá-la” (ARIÉS, 2003, p. 46). Ainda segundo Ariés (2003), a preocupação com a particularidade de cada indivíduo se fez presente, abrindo espaço para novos fenômenos onde foram introduzidos temas, como por

exemplo, os elementos macabros e o interesse à figura do corpo em decomposição. Nas palavras dele:

Em plena época macabra, não se tinha medo da morte com maior nem menor intensidade do que antes, mas se considerava a hora da morte como uma condensação da vida inteira, com sua massa de riquezas tanto temporais quanto espirituais. E foi justamente no olhar que cada homem lançava sobre sua vida, do limiar da morte, que ele tomou consciência da particularidade de sua biografia e, conseqüentemente, de sua personalidade (ARIÉS, 2003, p.135).

Diante dos costumes daquela época, é observável que uma série de elementos macabros enriqueceram a literatura e iconografia da época. Elementos que reforçavam um sentimento de fragilidade da vida, com as impactantes imagens do cadáver decomposto sendo devorado pelos vermes, posteriormente com as danças macabras e o triunfo da morte, adquirindo um caráter assustador e ao mesmo tempo romantizado pelas palavras dos poetas que falavam tão detalhadamente da morte física e da agonia, utilizando reflexões sobre a decomposição como um nítido sinal do fracasso do homem diante da própria mortalidade. Iniciando “um novo traço de mentalidade”, demonstrando a desesperança causada pela miséria humana e o peso de seu destino, mas que posteriormente, os temas macabros também abririam espaço para um novo caminho que conduziria o homem para o apego à vida e às paixões que esta proporciona. Segundo Ariés:

O caráter original comum a todas as suas manifestações, iconográficas e literárias, sendo, portanto, essencial, é a decomposição. Isto significa que se quer mostrar o que não se vê, o que se passa debaixo da terra e que é, na maioria das vezes, escondido dos vivos. Evidentemente, os escritores espirituais dos séculos XII e XIII, os ascéticos autores do *contempus mundi*, não deixariam de evocar a destruição à qual estavam destinados os corpos mais belos, as carreiras mais gloriosas: *ubi sunt...* Mas nunca a imagem do “saco de excrementos” havia tido tamanha repercussão na sensibilidade (ARIÉS, 2003, p.140-141).

Após a introdução dos temas macabros na literatura e iconografia, uma nova forma de expressar os sentimentos mais íntimos diante da morte veio à tona: as imagens da morte passaram a ser carregadas de sentido erótico. Tanatos e Eros passaram a ser situados na cultura Ocidental como complementariedades, assim como as pulsões de vida e de morte são denominadas por Freud na década de 1920 em *Além do princípio do prazer*, onde a pulsão de vida precisa encontrar formas de manter a vida diante da tendência mortífera da pulsão de morte. Segundo Quinet:

O âmbito pulsional é o campo de Eros em que brotam as flores do mal, onde a pulsação da vida é mordida pela morte. Eros tende à união, à aspiração ao Um, à vida, a reprodução, e a pulsão de morte é destrutividade e desunião, o impulso que na vida só quer morrer. A pulsão de morte é o que vem fazer objeção ao Um da relação sexual de complementariedade prometida por Eros (QUINET, 1999, p. 47).

Os corpos e esqueletos que antes do final do século XV eram retratados de forma neutra, após esse período passou a ser lotado de erotismo, sendo observável uma maior nitidez e ênfase sobre a visão violenta e avassaladora da morte, dada a intensidade da relação sexual e a obscuridade da destruição atrelada a decomposição da carne. Assim, a morte foi deixando de ser familiar para tomar sua forma selvagem. Nas palavras de Ariés:

Do século XVI ao XVIII, operou-se uma nova aproximação, em nossa cultura ocidental, entre Tanatos e Eros. Os temas macabros do século XV não apresentavam nenhum traço de erotismo. Eis que, desde o fim do século XV e

começo do XVI, tornam-se carregadas de sentidos eróticos. A magreza esquelética do cavaleiro do Apocalipse de Duher, que é a Morte, deixou intacta sua capacidade genital, de tal modo que não nos é permitido ignorá-la. A morte não se contenta em tocar discretamente o vivo, como nas danças macabras, ela o viola (ARIÉS, 2003, p.147).

A estranheza causada pelas consequências da decomposição juntamente com o imaginário estabelecido nas artes e literatura da época, demonstraram que havia começado uma jornada a fim de colocar a morte em um lugar de silêncio e distanciamento, antes disto, na literatura romanesca a morte era vivida e sentida de forma intensa e até mesmo poética. Eros e Tanatos, vida e morte unidas retratavam um afeto tempestuoso pelos temas que a finitude do homem proporcionava. Entre o século XVI e XVIII, se tornando foco e tema de curiosidade científica, a morte passou a ser estudada através dos corpos e motivo para “deleite mórbido” por parte dos cientistas da época, que segundo as palavras de Ariés:

Do século XVI ao XVIII, o corpo morto e nu tornou-se ao mesmo tempo objeto de curiosidade científica e de deleite mórbido. É difícil separar a ciência fria, a arte sublimada (o nu casto) e a morbidez. O cadáver é o tema complacente das lições de anatomia, objeto das pesquisas sobre as cores do início da decomposição, que não são horríveis ou repugnantes e sim verdes sutis e preciosos para Rubens, Poussin e tantos outros (ARIÉS, 2003, p.148).

Diante dessa fase, o fascínio e atenção dada à beleza física do corpo recém morto afastaram a “obsessão” em abordar o cadáver decomposto na literatura, mas segundo Ariés, o erotismo macabro não deixou de fazer parte da vida cotidiana, apenas mudou sua face, que antes possuía “características perturbadoras e brutais”, agora está sublimada, mascarada pelo interesse científico e com feições mais apaziguadas aos olhos humanos. A visão científica entre o período renascentista e o iluminismo marcou um afastamento das superstições e crenças no sobrenatural que antes estavam presentes de forma nítida na Idade Média e sustentou um deleite aos estudos do corpo recém morto em busca de conhecimento na tentativa de compreender os mistérios da morte, não mais dando tanta ênfase à fase da decomposição avançada. Segundo Ariés:

O fato é que o século das luzes também é obcecado ou fascinado pela morte física, pelo mistério dos corpos privados de vida. Vemos ressurgir a imagem do esqueleto, da múmia, que o fim da Idade Média, época das danças macabras, havia multiplicado, mas com um outro espírito, que já não é o medo do Além, e sim a vertigem diante do curto espaço de tempo, repleto de mistérios cognoscíveis, que separa o fim da vida e o começo da decomposição (ARIÉS, 2003, p.206).

Enquanto na Idade Média existia uma tomada de consciência sobre a própria morte, pois os indivíduos percebiam quando a morte se aproximava e tomavam as medidas necessárias para uma partida aceitável aos costumes da época. No período renascentista “as imagens eróticas da morte atestaram a ruptura da familiaridade milenar do homem com a morte. O homem não pode mais olhar de frente nem o sol nem a morte” (ARIÉS, 2003, p. 159). A figura da morte foi desenhada de outra forma, já não se encara mais a morte como antes, os vivos passaram a lidar de forma diferente com a morte, tornando-a mais obscura no imaginário humano, aos poucos vai se tornando estranha e ainda mais assustadora. O tema da morte começa sua jornada ao interdito, causando angústia e terror naqueles que a evocam, estes termos são bem definidos por Freud em *Além do Princípio do Prazer*:

“Terror”, “medo” e “angústia” são empregados erradamente como sinônimos; mas podem se diferenciar de modo claro na sua relação com o perigo.

“Angústia” designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; “medo” requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontamos; mas “terror” se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa (FREUD, 1920, p. 56).

O século XIX e seu marco histórico de busca pela razão e pelo pensamento científico racional iniciou a jornada de afastamento e silenciamento da morte, afinal, a morte trazia mais dúvidas e incertezas do que respostas propriamente racionais e concretas. Também o fato de assumir a existência da morte e manter a insistência em pensar nela provocava uma sensação de impotência e fraqueza no homem que já não tinha mais coragem de aceitar sua própria finitude. Durante o século XIX, “as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; silêncio que, a partir de então, se estende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível” (ARIÉS, 2003, p.159).

No século XX, a morte foi colocada em um lugar de repulsa, vista como algo vergonhoso e indesejado, já não se busca mais compreendê-la ou aceitá-la como um processo comum de todo ser vivo. Para Silva (2007), “os tabus dirigidos aos mortos têm conexão com a falta de explicações plausíveis para a aceitação da morte como parte do processo (evolutivo) do aniquilamento da vida e com a elaboração desse luto” (p. 60). O silenciamento como consequência da incapacidade humana de evitar ou controlar a morte, mais uma vez provou o fracasso do homem diante do fim, não importa quanto conhecimento se produz, a finitude da vida reduz grandes gênios da humanidade a alimento de vermes. A comunidade científica evitava tal tema e a sociedade em geral seguia os mesmos passos. Nas palavras de Ariés:

Os cientistas calaram-se, como homens que eram e como homens que estudavam. Seu silêncio é apenas uma parte desse grande silêncio que se estabeleceu nos costumes ao decorrer do século XX. Se a literatura continuou seu discurso sobre a morte, com a morte suja em Sartre ou em Genet, por exemplo, os homens comuns tornaram-se mudos, comportando-se como se a morte não existisse. A defasagem entre a morte livresca, que permanece loquaz, e a morte real, vergonhosa e motivo de silêncio é, aliás, um dos caracteres estranhos mais significativos de nosso tempo (ARIÉS, 2003, p.228-229).

Segundo Ariés (2003) além do afastamento do tema da morte no cotidiano, o século XX foi berço do saber médico e da autoridade do mesmo sobre os locais onde “se morria”, assim já não havia mais autonomia do moribundo diante da morte, o indivíduo que está à beira do fim de sua vida se torna alienado pelas autoridades médicas e até pela própria família e amigos, não saber de sua própria morte traz a ilusão de que o sofrimento é amenizado. O trabalho de luto é evitado e os enlutados não podem mais demonstrar seu sofrimento em público, há uma regressão no comportamento humano diante da morte. O que antes era elaborado de forma mais profunda e intensa, agora se resume a um rito onde tudo o que o enlutado pode fazer é silenciar sua dor para não ser motivo de vergonha para familiares e vizinhos.

Evocar o tema da morte se tornou motivo de mal estar geral, o silenciamento como uma forma de recalque sobre as evidências que escancaram a nossa finitude comprovam que ainda não estamos preparados para enfrentar a nossa morte, nem a morte do outro, posto que tal acontecimento age como um espelho em nossas mentes, nos forçando a perceber a fragilidade de nossos corpos diante das forças indomáveis da natureza. O que inicialmente ainda era mantida como algo familiar, acabou se tornando o maior dos tabus, segundo Ariés:

Antigamente, a morte era uma figura familiar, e os moralistas deviam torná-la horrenda para amedrontar. Hoje, basta apenas enunciá-la para provocar uma tensão emocional incompatível com a regularidade da vida cotidiana...A morte tornou-se um tabu, uma coisa inominável e, como outrora o sexo, não se deve enunciá-la e público nem obrigar os outros a enunciá-la. Gorer mostra de maneira surpreendente como, no século XX, a morte substituiu o sexo como principal interdito (ARIÉS, 2003, p.241-242 e 259).

## 2.2 O culto ao morto e o processo de luto

O lugar que jaz o morto é uma herança antiga e mantida através dos séculos, onde o corpo descansa e os familiares do morto mantêm sua memória viva. O cemitério é uma formação antiga, mas o comportamento das pessoas diante de tal lugar variou ao decorrer do tempo. O que no início da Idade Média era apenas uma forma de manter os mortos longe dos vivos, nos dias de hoje é um lugar de devoção aos mortos. Segundo Ariés:

No século XIII, dizia-se: nada de cidades com cemitérios. No fim do século XIX, dir-se-á: nada de cidades sem cemitérios. Entre as duas atitudes existe toda a distância do horror aos mortos conjurados, e de uma nova religião inventada no intervalo, a nossa, tal como reina em nossos cemitérios de hoje em dia, que leva as multidões de novembro e os fervorosos visitantes enlutados de cada dia. O germe desse sentimento religioso, sem dúvida já se achava oculto no fundo do horror que inspirava aos homens do século XVIII a atitude medieval para com os mortos (ARIÉS, 2003, p.211).

Lembrar dos mortos foi uma forma de “constituir um laço espontâneo entre as gerações”, uma maneira do homem prolongar “para além da morte aqueles que sucumbiram antes deles”, assim, com suas lembranças, é criado um “culto (notem bem: um culto) em que seu coração e seu espírito se esforçam em assegurar-lhes a eternidade” (ARIÉS, 2003, p.210). Para Silva (2007), “o reconhecimento da morte acontecia, então, simultâneo a uma negação”, diante da necessidade de “preservar a imortalidade do outro e conservá-lo vivo de algum modo”, a memória do morto era mantida e assim, aceitava-se “a divisão entre um corpo e uma alma, como fórmula para negar o estado real de decomposição do corpo e assegurar-lhe assim uma continuidade de vida” (p.53). Ainda segundo Silva:

Intermediando a realidade da morte e a crença da aquisição da imortalidade, se ergue o ritual funerário. É o preparo do corpo do morto para o sepultamento, como também o primeiro momento que os vivos têm para começar o processo de elaborar o luto e o preparo para a ausência definitiva. É o ritual funerário que mistifica, em alguma medida, o horror da decomposição cadavérica que está por vir, independente do método de rito e do destino final do corpo na forma de sepultamento (SILVA, 2007, p. 80).

Segundo a Fiocruz (2020), “cada sociedade estabelece os códigos culturais aceitáveis para o estabelecimento de rituais fúnebres de seus entes queridos, que envolvem desde cerimônias de despedidas, homenagens, até modos diversos de tratamento dos corpos, como o enterro ou a cremação”. O processo de luto é um rito importante para que o indivíduo passe a elaborar e aceitar a ausência do ente querido. É o recurso simbólico que o ser humano instituiu no encontro com o real da morte e suas consequências avassaladoras. Mesmo ainda não nomeado, a manifestação do luto esteve presente desde os primórdios. Nas palavras de Ariés:

O “luto” foi, entretanto, até nossos dias, a dor por excelência cuja manifestação era legítima e necessária. As designações arcaicas da palavra dor (*douleur, dol ou doel*) permaneceram na língua, mas com o sentido restrito que reconhecemos a palavra luto (*deuil*). Muito antes de ter recebido um nome, a dor diante da morte de alguém próximo já era a expressão mais violenta dos

sentimentos mais espontâneos. Durante a Alta Idade Média, os mais bravos guerreiros os mais ilustres soberanos prostravam-se diante dos corpos de seus amigos ou parentes (ARIÉS, 2003, p.245).

Historicamente é demonstrado que o trabalho de luto sempre foi essencial para que os vivos se coloquem a postos para então seguir em frente sem o ente querido que se foi. Culturalmente, algumas civilizações da atualidade foram suprimindo as manifestações de dor e sofrimento do enlutado, atribuindo vergonha e fraqueza sobre aquele que “põe para fora” a sua dor. Em um comportamento peculiar, o enlutado suprime seu choro e seu desespero, retomando sua vida sem elaborar tal perda, e, havendo um recalque de tamanho acontecimento, com o tempo retorna em forma de sintoma. O luto impedido traz consequências prejudiciais, que nas palavras de Ariés:

A proibição do luto leva o sobrevivente a aturdir-se com o trabalho ou, ao contrário, a atingir o limite a loucura, a fingir que vive na companhia do defunto, como se este ainda estivesse presente ou, ainda, a colocar-se em seu lugar, a imitar seus gestos, palavras e manias e, por vezes, em plena neurose, a simular os sintomas da doença que o matou (Ariés, 2003, p.261).

Com a morte ocupando o lugar de interdito, cada vez mais sendo afastada pelos homens mesmo sendo impossível evitá-la, vemos o quanto não estamos preparados para o nosso próprio fim, quem dirá o fim do outro? O esquecimento dos assuntos que trata da existência da morte não é suficiente (e nunca será) para aplacar as forças da natureza, mas insistimos em não aceitar isto. Segundo Becker (1973), “a ideia da morte, o medo que ela inspira, persegue o animal humano como nenhuma outra coisa”. Esse medo conduz a criatividade humana para buscar meios de “evitar a fatalidade da morte, a vencê-la mediante a negação, de alguma maneira, de que ela seja o destino final do homem” (p. 07).

Na atualidade presenciamos o temor entre os vivos em mencionar a morte, e aos que morrem, resta o silenciamento, a estranheza e medo por parte dos que sobrevivem. Ariés afirma em sua obra que o mal estar atual acerca do tema se dá pelo fato de que a morte deixou de ser um assunto debatido, colocado e acima de tudo aceito. O homem afastou de si a tomada de consciência de que a morte é uma consequência tão presente quanto o início de sua própria vida. “Perguntamo-nos então, se uma grande parte da patologia social de hoje não teria sua origem na expulsão da morte da vida quotidiana, com a interdição do luto e do direito de chorar os mortos” (Ariés, 2003, p.262).

O luto é um processo denso e necessário para elaborar as perdas, sejam elas reais ou simbólicas. Para Freud (1914), “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.” Freud (1914) fala que o luto mesmo sendo capaz de acarretar graves desvios da conduta moral da vida, é habitual confiar que este será superado depois de algum tempo, sendo inadequado ou até mesmo prejudicial perturbar o sujeito nesta fase tão delicada. Sendo superada esta fase, o ego volta a ser livre e desinibido para que sejam possíveis novos investimentos libidinais, visto que o luto absorve o ego a ponto de inibi-lo e estreitá-lo, emergindo no sujeito a falta de interesse pelo mundo, que se torna pobre e vazio, em um estado de ânimo doloroso. Segundo Freud:

Assim como o luto leva o ego a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo-lhe como prêmio permanecer vivo, também cada uma das batalhas de ambivalência afrouxa a fixação da libido ao objeto, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que também matando-o. É possível que o processo chegue ao fim dentro do sistema Inc, quer depois que a fúria se aplacou, quer depois que se desistiu do objeto por ser ele destituído de valor (FREUD, 1914, p. 38).

Freud (1915) diz que nossa atitude cultural e convencional para com a morte é colapsada quando alguém que nós amamos falece, ele diz que “nossas esperanças, nossos desejos e nossos prazeres jazem no túmulo com essa pessoa, nada nos consola, nada preenche o vazio deixado pelo ente perdido. Comportamo-nos como se fôssemos um dos Asra<sup>2</sup>, que morrem quando aqueles que eles amam também morrem.” (p. 231-232). A dor da perda é inexorável quando se trata de um ente querido, exigindo do sobrevivente uma elaboração que leva o seu próprio tempo para ser feita, processo que aos poucos traz de volta ao sobrevivente o desejo de continuar a viver. De acordo com Morin (1997), o trabalho de luto expõe socialmente a inadaptação de cada indivíduo diante da perda, mas, paralelamente, é o processo social de adaptação que tende a fechar a ferida dos sobreviventes. “Após os ritos da imortalidade e o fim do luto, após um ‘penoso trabalho de desagregação e de síntese mental’, só então a sociedade, ‘tendo voltado à paz, pode triunfar da morte’” (p. 80).

### 3. O TEMA DA MORTE NO PONTO DE VISTA PSICANALÍTICO

Segundo Freud (1915), a atitude humana em relação a morte e os sentimentos atribuídos em questão se referem ao fato de não haver respostas que apaziguem o desamparo diante da finitude, principalmente da destruição dos corpos humanos, expondo a efemeridade de nossa existência, e que temos uma “tendência inegável para pôr a morte de lado, para eliminá-la da vida.” A tentativa de sustentar a morte como um resultado necessário da vida, como algo natural, inegável e inevitável põe a prova nosso comportamento contrário de revolta e negação. Diante desta questão, Freud diz:

De fato, é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores. Por isso, a escola psicanalítica pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade (FREUD, 1915, p. 230).

Segundo Guerreiro (2014) a morte se trata de um ato único e irrepitível, de impossível relato, o homem tem experiência da Morte através da morte dos outros, o que lhe permite pensar sobre esta ideia e sobre o momento da sua morte, representando, antecipadamente, a interrupção da sua vida ao chegar a essa situação-limite – através da morte alheia, vive-se um pouco a própria morte, fruto dos efeitos emocionais e do drama da perda de outrem. Nas palavras de Freud:

O homem já não podia manter a morte à distância, pois a havia provado em sua dor pelos mortos; não obstante, não estava disposto a reconhecê-la, porquanto não podia conceber-se a si próprio como morto. Assim idealizou um meio termo: admitiu também o fato de sua própria morte, negando-lhe, porém, o significado de aniquilamento – significado que ele não tivera motivo para negar no que dizia respeito à morte de seu inimigo (FREUD, [1915] 1990, p. 332).

Freud (1915) diz que nosso inconsciente não crê na própria morte e se comporta como se fosse imortal, “desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem” por se tratar das camadas mais profundas de nossas mentes compostas de impulsos instintuais. “Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois

---

<sup>2</sup> Os Asra são uma tribo árabe; cfr. o poema de Heine ‘Der Asra’ (no Romanceiro baseado numa passagem da obra de Stendhal, De l’amour: “...e a minha tribo são aqueles Asra, que morrem, quando amam”).



a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de instintual em nós que reaja a uma crença na morte” (p. 241-242). Segundo Silva (2007) a atitude humana diante do tema da morte é a de não enfrentamento, sendo pensada e falada de forma indireta. O medo da morte permaneceu inalterado mesmo com o processo de civilização, sendo um tema de difícil conceituação exceto pelo ponto de vista biológico, os conhecimentos produzidos pelos diferentes campos do saber não foram capazes de eliminar o mal-estar que a crueza da morte nos desperta. Freud diz:

Difícilmente existe outra questão, no entanto, em que as nossas ideias e sentimentos tenham mudado tão pouco desde os primórdios dos tempos, e na qual formas rejeitadas tenham sido tão completamente preservadas sob escasso disfarce, como a nossa relação com a morte. Duas coisas contam para o nosso conservadorismo: a força da nossa reação emocional original à morte e a insuficiência do nosso conhecimento científico a respeito dela (FREUD, [1919] 1990, p. 301).

De acordo com Freud (1919) mesmo os manuais de lógica mostrando que todos os homens são mortais, “nenhum ser humano realmente a compreende, e o nosso inconsciente tem tão pouco uso hoje, como sempre teve, para a ideia da sua própria mortalidade”. Como nós ainda pensamos acerca desse tema de forma primitiva, “o medo da morte ainda é tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação” (p.314). Segundo Silva (2007) “a estrutura da psiquê humana não se afetou tanto em sua essência pela evolução civilizadora, e essa não tem sido suficiente para demarcar diferença tão significativa diante do enigma da morte” (p.52).

O homem primitivo e sua atitude diante da morte ainda está presente em nossa sociedade, quase imutável em nosso inconsciente. Freud (1913) diz que o homem primitivo assumia uma atitude peculiar diante da morte, sendo contraditório, por um lado, encarava a morte com seriedade e a reconhecia como o término da vida; e por outro, negava a morte e a reduzia a nada. As atitudes exteriorizadas em relação a morte eram contraditórias a depender do afeto ao morto. Se o morto era um inimigo, o sentimento era de júbilo, satisfação; se o morto era algum amigo ou familiar, o sentimento era de estranheza, dor, tristeza. “A injunção de sentimentos ambivalentes, diante de um mesmo fato, demandou meios para o enfrentamento da realidade conflitante do enigma da morte” (SILVA, 2007, p. 53).

De acordo com Freud (1915) as modificações físicas acarretadas pela morte sugeriram ao homem primitivo uma divisão do indivíduo em corpo e alma. Ao reconhecer a morte, surgia a necessidade de preservar o outro vivo de algum modo para a existência não se resumir a um corpo em decomposição, já que os aspectos visíveis no corpo morto do semelhante evidenciam a fragilidade da vida e devastação do destino dos homens. “Sua persistente lembrança dos mortos tornou-se a base para a suposição de outras formas de existência, fornecendo-lhe a concepção de uma vida que continua após a morte aparente” (FREUD, 1915, p. 332).

Independente do processo de civilização e do avanço da ciência no que se trata de expandir os conhecimentos do homem, o medo da morte e a angústia que ela causa permaneceu quase inalterado. A civilização atual segue em sua busca por uma resposta que apazigue esse mal-estar e a crença por imortalidade ainda persiste dentro de cada indivíduo, seja na negação da morte ou na ideia de que temos uma vida para além da matéria corpórea. Freud diz:

Deixemos agora o homem primevo, e passemos para o inconsciente em nossa própria vida mental. Aqui dependemos inteiramente do método psicanalítico de investigação, o único que atinge tais profundezas. Qual, perguntamos, é a

atitude do nosso inconsciente para com o problema da morte? A resposta deve ser: quase exatamente a mesma que a do homem primevo. Nesse ponto, como em muitos outros, o homem das épocas pré-históricas sobrevive inalterado em nosso inconsciente (FREUD, 1915, p. 241-242).

Ao falar da morte na teoria psicanalítica, logo o conceito de pulsão de morte é evocado. A pulsão de morte é um dos conceitos mais discutidos na psicanálise, sendo uns de seus pilares fundamentais. Campos (2013) diz que a pulsão de morte é a “pulsão por excelência”, e sendo assim, a problemática da pulsão está no “cerne da constituição do psiquismo”. Ainda segundo Campos (2013) a pulsão de morte atua de forma silenciosa no psiquismo, sabotando-o sem ser percebida. Não se expressa sozinha, estando sempre em complementariedade com a pulsão de vida, deduz-se que a libido será sempre uma fusão de componentes eróticos e tanáticos.

A relação dos dois campos pulsionais acontece de maneira bastante imbricada. Por seu lado, a pulsão de vida traz em si uma busca por renovação em sua vertente de pulsão sexual, pois atua como garantia da reprodução da vida, enquanto que a pulsão de autoconservação atua na perspectiva de que a morte só seja atingida por vias naturais ao organismo. A pulsão de morte é entendida como desejo de retorno ao inorgânico, diretamente imbricada em sua relação com as pulsões de vida em um paradoxo (SILVA, 2007, p.73).

Freud (1920) na formulação da segunda fase da teoria pulsional<sup>3</sup>, compreendia que a pulsão de morte era uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo, e que todas as pulsões tenderiam à restauração de um estado anterior, dando seguimento à sua hipótese de que o organismo estaria a buscar um objetivo antigo por meio de caminhos novos, em resposta a pressão de forças perturbadoras externas. Diante da aceitação do novo dualismo pulsional, onde há o “intricamento” de Eros e Tánatos, que segundo Quinet (2003) há uma aproximação ao esclarecimento e compreensão de que toda pulsão é pulsão de morte. Freud diz:

Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morre por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que o ‘objetivo de toda vida é a morte’, e, voltando o olhar para traz, que as coisas inanimadas existiram antes das vivas (FREUD, 1920, p. 56).

De acordo com Freud (1920) a matéria inanimada que sofreu ação de uma força que não se tem explicação precisa, onde a tensão que foi provocada por tal agressão acabou resultando em um esforço da matéria para se livrar da tensão. Tal modo de defesa provocou o surgimento da primeira pulsão, que se trata de “retornar ao estado inanimado”, assim, o circuito entre viver e morrer se dava de forma breve. Ainda segundo Freud, “a constância prolongada da repetição desse circuito entre nascer, morrer, recria-se com facilidade”. Tal constância foi quebrada pelas novas influências externas que levou a substância “a criar um novo percurso, um pouco mais complexo, para atingir o seu objetivo de morte” (p.56). Essa segunda forma de atuação resultou na pulsão de conservação. Nas palavras de Freud:

Trata-se de pulsões componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte e afastar todos os modos possíveis

---

<sup>3</sup> A primeira fase é constituída pelas pulsões de ego (autopreservação) e pulsões sexuais formando um par na teoria pulsional. Na segunda fase surge uma nova dualidade na vida psíquica onde a pulsão de vida e pulsão de morte formam forças opostas.

de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanes ao próprio organismo. Não temos mais de levar em conta a enigmática determinação do organismo (tão difícil de encaixar em qualquer contexto) de manter sua própria existência frente a qualquer obstáculo. O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas de seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte. Daí surgir à situação paradoxal de que o organismo vivo luta com toda sua energia contra os fatos (perigos, na verdade) que poderiam auxiliá-lo a atingir mais rapidamente seu objetivo de vida, por uma espécie de curto-circuito. Tal comportamento, entretanto, é precisamente o que caracteriza os esforços puramente pulsionais, contrastados com os esforços inteligentes (FREUD, 1920, p. 57).

Quinet (2003) diz que o inconsciente não se trata somente da articulação de significantes, que o inconsciente é pulsional e que é cabível efetuar a articulação do conceito de inconsciente com o conceito de pulsão. “A pulsão de morte é responsável pela repetição, trazendo ao sujeito uma satisfação paradoxal para além do princípio do prazer – repetição que faz parte do próprio inconsciente” (p. 25). Segundo Garcia-Roza (1999) a repetição como meio de manifestação da pulsão de morte não se trata de uma reprodução, se trata da criação de um novo, recusando a permanência do “mesmo” e provocando a emergência de novas formas. Lacan afirma:

A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado. O que ela poderia ser? – senão uma vontade de destruição direta. [...] Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante. Se tudo o que é imane ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar (LACAN, 1988, p. 259).

De acordo com Freud (1929) a pulsão de morte opera silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, e que desta forma é difícil demonstrar as atividades desta pulsão de forma mais direta, enquanto as manifestações de Eros são visíveis e bastante ruidosas. Uma ideia mais fecunda era a de que uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade. Dessa forma, o organismo busca destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio *eu*. Sendo então no campo da cultura que essa agressividade e destruição ganham forma como expressão libidinal da pulsão de morte. (FREUD, 1929)

#### **4. A MORTE SEM ASSISTÊNCIA NOS DIAS ATUAIS**

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (2020), “em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.” Após uma semana, as autoridades chinesas confirmaram a identificação de um novo tipo de coronavírus e ainda segundo a OPAS (2020) “no dia 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional.” No

dia 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, pois o vírus havia atingido os países em uma escala global, mobilizando o mundo a tomar medidas que pudessem conter a disseminação.

Como uma doença nova e sem cura, a alta propagação do vírus gerou preocupação das autoridades e a decisão de iniciar um processo de fechamento de fronteiras, isolamento social e encerramento temporário de atividades coletivas, levando as pessoas a ficarem em confinamento dentro de suas casas, modificando toda a forma de viver da população e fazendo a civilização atual enfrentar o luto real e simbólico de maneira coletiva pela privação de liberdade e pela morte física em massa por consequência do novo vírus que passou a circular. Em um artigo escrito para o jornal O Globo, Frei Betto diz:

Diariamente vemos no noticiário o solo esburacado de cemitérios, as covas em série qual macabra dentadura de Tântalos à espera de devorar os mortos. A pandemia cria situações inusitadas, entre elas a de mortes sem funerais. Como é possível ficarmos alheios a um rito de passagem tão ancestral, exclusivamente humano? Na natureza, nenhum outro ser chora os seus mortos e os reverencia no sepultamento<sup>4</sup>.

A eminência da morte se propagou e a angústia foi nomeada de forma aterrorizante pela pandemia, trazendo impactos na experiência cotidiana e no imaginário social. A privação de liberdade passou a ser acompanhada de vários espectros que causam estranheza na cultura ocidental, e além da angústia causada pelo medo da morte, houve uma ruptura na normalidade de toda uma engrenagem que faz a sociedade se mover. Freud (1929) aponta para esse sofrimento que nos ameaça e que parte de três direções: “do nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas. e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens” (p. 91).

Segundo a Fiocruz (2020), as recomendações e orientações científicas e técnicas para o enfrentamento ao vírus COVID-19 têm sido o ponto central, inclusive no cuidado dos corpos após a morte, de modo a diminuir os riscos sanitários e de contaminação. Devido a isso, as autoridades sanitárias no âmbito da atenção à saúde e da vigilância sanitária têm elaborado orientações de como devem ocorrer os funerais e o manejo dos corpos.

Segundo o Ministério da Saúde (2020), “os velórios e funerais de pacientes confirmados/suspeitos da COVID-19 NÃO são recomendados devido à aglomeração de pessoas em ambientes fechados. Nesse caso, o risco de transmissão também está associado ao contato entre familiares e amigos” (p. 5). As vítimas fatais do vírus não podem ser veladas e sepultadas como de costume, assim, os ritos fúnebres e o processo de luto passaram a ser profundamente abalados abrindo espaço para um sofrimento maior entre os sobreviventes que já enfrentam o isolamento social: o desamparo. Freud aponta para elementos que estão acima de qualquer poder humano:

Há os elementos que parecem escarnecer de qualquer controle humano: a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que

<sup>4</sup> Citação retirada de artigo *Antígona e Antares* publicado no Jornal O Globo Rio de Janeiro (Brasil), 27/04/2020.

pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (FREUD, [1927] 1990, p. 27).

Para Silva (2007) A experiência de uma “calamidade coletiva, ao colocar a morte de forma emergente e em massa, exige colaborações urgentes e pautadas em princípios externos de bem ou mal comuns a um determinado grupo” (p.46). Atualmente, toda a sociedade está buscando combater um mal em comum, pois esse mal atingiu proporções em escala global. Tal acontecimento divide “a percepção subjetiva que se tem da morte como fato fortuito, ocorrido ocasionalmente em algum momento estanque da vida de alguém, para uma catástrofe de dor generalizada que a realidade impões como verdade concreta” (SILVA, 2007, p. 46). Uma dessas colaborações urgentes se deu ao fato de que não se pode velar o morto vítima de COVID- 19, já que o risco de contaminação entre os sobreviventes ao ter contato com o corpo é muito alto, dificultando o processo de luto. Sendo a morte isolada e sem velório é causadora de estranheza, aumentando a inquietude e pesar sobre aquilo que não é remediável nem solucionável. Não há como fugir do inevitável e todo o trabalho de civilização e construção de ritos para apaziguar o mal-estar da perda abrupta de um ente querido é impedido, dando lugar a uma lacuna capaz de desestruturar indivíduos que já estão passando por tamanho sofrimento.

Segundo a Fiocruz (2020), “em pandemia temos o processo de luto sofrendo atravessamentos, com desdobramentos que potencializam o risco de agravar os sofrimentos psíquicos individuais e coletivos”. Ainda segundo a Fiocruz (2020), devido ao contexto atual e suas possibilidades de contágio, acaba ocorrendo rituais díspares do que aqueles com os quais as culturas estão familiarizadas. Também devido ao isolamento, as ações integrantes do processo de luto não podem ser realizadas como o habitual, aumentando as possibilidades para o desenvolvimento de um luto patológico, de maneira mais intensa e duradoura.

Os sobreviventes vivenciam a dor de não poder chorar seus mortos, em muitos casos se tratando de várias vítimas do vírus em uma mesma família e com isso potencializando o sofrimento psíquico deles, tais fatos correspondem ao risco de aumento nos sintomas de depressão, ansiedade e estresse. As medidas de segurança como o distanciamento social culminam em um mal-estar geral que impacta a todos, assim como nos tempos de guerra, lidar com o imprevisível modifica a realidade de toda uma população, sendo também considerada uma crise no ponto de vista psicológico. Freud (1920) fala que a guerra está fadada a varrer o tratamento convencional da morte, assim como a pandemia que estamos vivenciando atualmente, “as pessoas realmente morrem, e não mais uma a uma, porém muitas, frequentemente dezenas de milhares, num único dia” (p.233).

A pandemia está associada a perdas de vidas humanas em massa, tornando a morte mais próxima e súbita entre os indivíduos, os sintomas mais graves do COVID-19 avançam de forma repentina e imprevisível, aumentando a angústia entre os familiares próximos do acometido pelo vírus. tornando processos complicadores da elaboração de um luto normal. Tal situação também contribui para o aparecimento de novos casos de sofrimento psíquico e a piora dos casos clínicos já existentes. De acordo com Galea<sup>5</sup> em uma entrevista disponibilizada pelo jornal El País, a crise que estamos vivenciando atualmente “é um acontecimento traumático maciço sem precedentes, maior do que qualquer outro por sua dimensão geográfica”, pessoas de todas as regiões do mundo estão vivenciando o sofrimento causado pelas consequências do COVID-19 e o número de

---

<sup>5</sup> Segundo o El País. São Paulo (Brasil), 02/04/2020, Sandro Galea é um importante epidemiologista e investigador dos efeitos mentais das grandes emergências globais e reitor da Escola de Saúde Pública de Boston.

mortos já ultrapassa os 3 milhões<sup>6</sup>. “Haverá uma avalanche de transtornos de humor e de ansiedade nos próximos meses e anos em todo o mundo, isso inclui depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, aumento do consumo de álcool e violência”. A OMS (2020) diz que uma em cada cinco pessoas terá um distúrbio mental, duas vezes mais que em circunstâncias normais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século XX houve registros de que o ser humano privado do luto, experimentou consequências graves para a sua psique. A morte se inscreve no real e por si é inominável, nós precisamos de recursos simbólicos para poder elaborar uma perda tão irremediável e lidar com a ausência abrupta de um ente querido. Um processo difícil e doloroso que demanda tempo e ritos, ritos que o funeral dispõe para a elaboração inicial, mas que está sendo tirado das famílias que perderam algum ente para o novo vírus que circula. Tal ausência se estende em uma escala global e atinge diferentes culturas, independentemente da posição socioeconômica.

O luto é um processo denso e necessário para elaborar as perdas, sejam elas reais ou simbólicas. Nos tempos atuais observa-se uma grande ruptura neste processo devido às limitações que nos encontramos diante de uma doença nova e tão contagiosa, seja por questões da privação da liberdade, da quebra da realidade diária que todos estavam acostumados, seja pela morte dos entes queridos, que desde o processo de internação já são afastados de seus familiares, não havendo uma despedida ou preparação para os processos que ocorrem após a morte, pois o corpo precisa ser lacrado dentro do caixão para não correr o risco de potencializar o contágio. Não há possibilidades de se despedir da mesma forma que era feito antes da pandemia, as famílias se encontram em uma situação de impotência ao ver entes falecerem e os sobreviventes sequer podem oferecer amparo presencial entre si, aumentando o sentimento de desamparo que já é eminente diante de uma perda trágica.

De fato, não estamos preparados para o encontro com a morte, tampouco para lidar com a morte do outro. Os dias atuais nos convocam de forma inesperada para as urgências de uma nova configuração nas elaborações das perdas, mas como iremos encontrar maneiras de digerir esse “novo normal” se ainda não conseguimos superar a ideia de que a morte existe e espera por todos nós? O luto requer tempo para sua elaboração, os ritos fúnebres são essenciais para que aceitemos que aquela pessoa que amamos morreu, precisamos ver o corpo morto e velá-lo para então iniciar o processo de aceitação. Os tempos atuais não nos permite isso, o desamparo está escancarado em nossa sociedade e não somos páreos para as forças da natureza que se erguem contra nós. A pandemia está retirando um dos mais fortes atributos de nossa condição humana, tão penosamente construído.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. A pandemia de COVID-19: **Interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente**. Portal Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/a-pandemia-de-covid-19-intersecoes-e-desafios-para-a-historia-da-saude-e-do-tempo-presente.pdf>

---

<sup>6</sup> Dados referentes aos casos que a Universidade Johns Hopkins divulga regularmente (atualizados no dia 17/05/2021).

\_\_\_\_\_. **Dados oficiais dos casos de coronavírus. estatísticas, casos e taxas de mortalidade no mundo.** Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/covid19>

\_\_\_\_\_. **Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Saúde Global: uma breve História.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte.** Tradução: Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias.** Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa.** 4a edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7a impressão – Rio de Janeiro, 2002. BIAGINI, F.

AZEVEDO, Monia Karine; NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello. **O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud.** Rev. Subj. vol.15 no.1 Fortaleza abr. 2015. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692015000100008#:~:text=A%20puls%C3%A3o%20de%20morte%20era.%2C%20ou%20seja%2C%20a%20morte](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008#:~:text=A%20puls%C3%A3o%20de%20morte%20era.%2C%20ou%20seja%2C%20a%20morte)

BECKER, Ernest. **A negação da morte.** Tradução: Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 1973.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise.** Revista de Psicologia da UNESP 12(1), 2013. 13. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442013000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000100003)

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial.** Estudos de Psicologia (Natal), v. 11, n. 2, p. 209-216, ago. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso)

EL PAÍS. **Pandemia de coronavírus - Um mundo de ansiedade, medo e estresse.** Madri, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-20/um-mundo-de-ansiedade-medo-e-estresse.html#:~:text=%E2%80%9CHaver%C3%A1%20uma%20avalanche%20de%20tornados,de%20C3%A1lcool%20e%20viol%C3%Aancia%20machista>

FOLHA DE SÃO PAULO. **Coronavírus traz novo direcionamento para a solidariedade.** Folha de São Paulo, 06/04/2020. Disponível em: <http://estudio.folha.uol.com.br/educacaocontraocoronavirus/2020/04/1988646-coronavirus-traz-novo-direcionamento-para-a-solidariedade.shtml>

FREUD, Sigmund. **Breves escritos: Contribuições para uma discussão acerca do suicídio.** [1910]. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Jayme Salomão et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 11, p. 217-218.

FREUD, Sigmund. **O tema dos três escrínios [1913].** In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 12, p. 367-384.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu [1913]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 13, p. 13-191.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos [1915]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 14, p.137-168.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia [1915]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 14, p. 275-296.

FREUD, Sigmund. **Reflexões para os tempos de guerra e morte [1915]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 14, p. 311-339.

FREUD, Sigmund. **Sobre a transitoriedade [1915]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 14, p. 345-350.

FREUD, Sigmund. **O 'estranho' [1919]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 17, p. 275-314.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer [1920]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 18, p.17-90.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão [1927]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 21, p. 17-80.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização [1929]**. In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas. Tradução: José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 21, p. 81-178.

Fundação Oswaldo Cruz. (2020a). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>

Fundação Oswaldo Cruz. (2020b). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-cuidados-paliativos-orienta%C3%A7%C3%B5es-aos-profissionais-de-sa%C3%BAde.pdf>

Fundação Oswaldo Cruz. (2020c). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: orientações às/aos psicólogas/os hospitalares**. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de [https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/cartilha\\_psicologos\\_hospitalares.pdf](https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/cartilha_psicologos_hospitalares.pdf)

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O Mal Radical em Freud**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011



GUERREIRO, Emanuel. **A Ideia de morte: do medo à libertação**. Diacrítica, Braga, v. 28, n.2, p. 169-197, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672014000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200012&lng=pt&nrm=iso)

GREEN... Et al. **A pulsão de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 7: a ética da psicanálise**. Tradução: Antônio Quinet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2020). **Boletim Epidemiológico. Saúde define critérios de distanciamento social**. Brasília, DF; 06/04/2020 Disponível em <https://www.agenciabrasil.ebc.com.br>

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2020). **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus - COVID-19**. Brasília: Autor. Recuperado de <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/manejo-corpos-coronavirus-versao1-25mar20-rev5.pdf>

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2020). **Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília (DF), 26/02/2020. Disponível em <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

OPAS, Organização Pan-americana da saúde. *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>

QUINET, Antônio. **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Marca d'água, 1999.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Revista Veja Saúde (2020). **Luto em tempos de pandemia: o que muda ao dizer adeus**. Editora Abril. Atualizado em 17 jun 2020, 17h15 - Publicado em 6 jun 2020, 10h50 . Recuperado de <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/luto-em-tempos-de-pandemia-o-que-muda-ao-dizer-adeus/>

SCHWINDT, Luis Carlos. **Manual de linguística: fonologia, morfologia e sintaxe**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=K3k5DwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=lingu%C3%ADstica&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwi0rLa8qNToAhXeHbkGHbDHAbkQ6AEIODAC#v=onepage&q=lingu%C3%ADstica&f>

SILVA, Jailma Souto Oliveira da. **O enigma da Morte em Machado de Assis**. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2007.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de viver até o presente momento. Sua infinita graça e misericórdia me mantém.

Ao meu pai, Marcos Gonçalves, por todos os seus ensinamentos e por se mostrar um grande exemplo a ser seguido.

À minha mãe, Eliane Cristina (*in memoriam*) por todo o cuidado, amor e dedicação em vida. A sua partida me fez tomar consciência de nossa efemeridade, aprendi a valorizar ainda mais o tempo aqui na Terra.

À minha irmã, Kelliane Félix, pelas memórias construídas e por se fazer tão presente. Obrigada pelo companheirismo.

À minha filha, Alice Luna, por me fazer experimentar o amor mais puro e incondicional. Sou grata por sua existência e ver você caminhar nesse mundo é a maior das minhas alegrias.

Ao meu noivo, Thiago Gomes, por dividir as felicidades e desafios comigo. Agradeço por caminhar ao meu lado, você torna os meus dias mais leves e me ensina a sonhar.

Às minhas amigas e companheiras de graduação, Ana Clara e Sarah Lavínia. Agradeço por toda cumplicidade e que nossa amizade perdure para além dos muros da universidade.

Agradeço a Dra. Jailma Souto, por ser uma orientadora tão paciente, por me guiar de forma tão leve e tranquila. Foi uma honra ser sua orientanda, guardarei com carinho suas palavras e ensinamentos.

Agradeço também a Dra. Lígia Gouveia e Dra. Laércia Medeiros por todo o carinho em forma de ensinamentos durante meu processo de graduação e por aceitarem fazer parte da banca examinadora.